

Memória em branco

Sirawê quer rodar mundo para salvar seu povo

João Maurício Rosa

Bicudo dizimou algodão d'índio Kaiabi, no Médio Xingu, norte de Mato Grosso. O cacique Sirawê, 45 anos, nunca pensou que sairia por aí pedindo barbante para fazer redes. Ele está caalejado de procurar os postos da Funai de Cuiabá e Brasília pedindo coisas, objetos de matérias-primas desconhecidas na tribo. Mas sempre foi auto-suficiente em barbante, tecido do algodão nativo de seu povo.

Agora Sirawê se diz cansado de pedir por aquela freguesia. "Vira rotina, ninguém dá atenção e não desperta as autoridades", argumenta. Por isso, o cacique veio para Campinas e daqui vai à Europa expor a rotina de uma comunidade de 800 índios, representantes das nações Kaiabi, Juruna, Suiá e Krenakore. Uma rotina que turva a visão dos que habitam longe e provoca preconceitos no homem branco.

O bicudo é o último dos males que chegaram ao Parque Nacional do Xingu. A malária já matou um casal

de filhos de Sirawê e a pneumonia levou um terceiro, em 1987. Matari, outro filho do Sirawê, veio com ele para Campinas. Tem 14 anos e logo na chegada, sexta-feira da semana passada, contraiu pneumonia. Recuperou-se no Departamento de Pediatria da Unicamp, de onde teve alta terça-feira.

Agora Sirawê tem 8 filhos com sua esposa Tué e 3 netos, dados por Tuá, sua filha mais velha. Antes de chegar a Campinas, Sirawê e Matari passaram por Brasília para ver o parto do oitavo filho. Tué teve complicações na aldeia e precisou ser removida para um hospital do Distrito Federal. Em outros tempos dificilmente isto seria necessário. Hoje, parto de cócoras é tão difundido entre os brancos como a cesariana entre índios.

O sertanista Omar Landi vai acompanhar o cacique em suas conferências e entrevistas à imprensa internacional na Europa em uma viagem programada para 40 dias. Landi abandonou o último ano do curso de antropologia da Unicamp para

trabalhar com os índios. Chegou a ocupar o cargo de chefe da ajudância da Funai, na região do Alto Solimões, e hoje é o representante da organização ecológica SOS Amazoniê, com sede na França.

A viagem começará dia 14 próximo quando embarca para a França, onde Landi e Sirawê darão uma entrevista coletiva à imprensa e terão audiência com representantes do governo francês. Em seguida eles vão à Suécia, a convite da Sida, uma organização para o desenvolvimento de povos do Terceiro Mundo, e à Itália, onde farão contatos com a organização Amigos da Terra e com a Anistia Internacional.

Ajuda

De Campinas, Sirawê espera levar, além dos fardos de barbante para fazer redes, munição para suas espingardas, pilhas para rádios, balas calibre 22, cobertores, mosquiteiras, sabonete, sabão, botinas de borracha, roupas e tecidos para confecção, além de agulhas,

tesouras, linhas e outros complementos.

Alimento não falta na aldeia. Problema são os produtos industrializados, que chegaram ali há 40 anos, com os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas. "Negócio é o seguinte", explica Sirawê. "Ólondo faz contato, dá presente caixa de fósforo. Agora ter fósforo tem que fazer projeto prá Funai. Mas Funai num tá valendo muito pra gente. Tenho que sair fora". Ele espera trazer da Europa um barco a motor que chama de Voadeira, um caminhão, um trator e um aparelho de radiocomunicação.

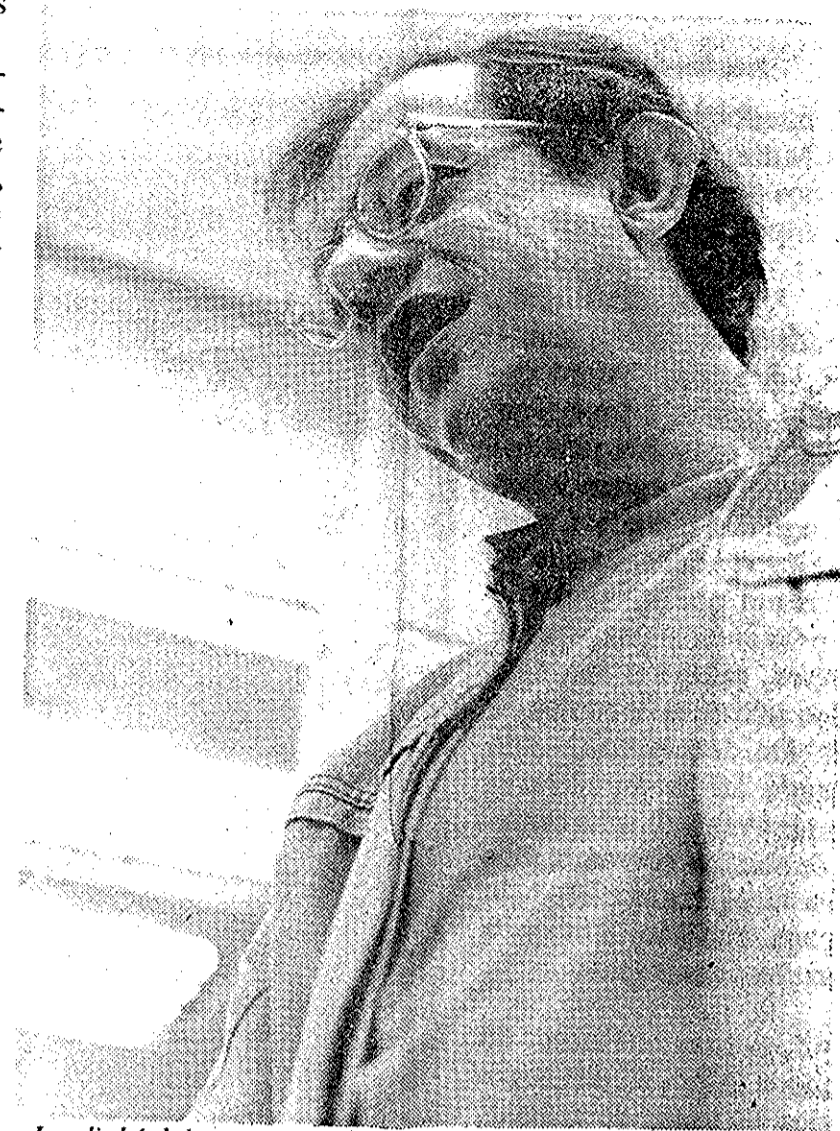
Landi observa que Sirawê estará inaugurando, na Europa, o "Mercado Comum do Xingu", devido ao ineditismo da iniciativa. "Ele vai representando 4 nações indígenas em busca de resolução para problemas comuns, ao contrário do que tem sido feito no Xingu. Lá, cada tribo elabora seu próprio projeto", justifica.

Extermínio

Quando defrontar-se com a imprensa estrangeira, o sertanista terá dificuldade para responder quando as perguntas referirem-se a números. O último recenseamento realizado pelo IBGE, em 1979, deu conta da existência de 230 mil índios em todo o território brasileiro. A divulgação do próximo censo pode colocar em xeque a política indigenista do Brasil, já que o crescimento populacional entre os brancos do 3º Mundo é tão assustador quanto qualquer evidência de extermínio de povos indígenas.

A parte da missão do cacique Sirawê em benefício dos índios do Xingu, Landi pretende chamar a atenção do mundo para os últimos remanescentes dos índios matis, cerca de 80 índios à beira da extinção no vale do Rio Javari. Ele espera sensibilizar as entidades ambientalistas européias, especialmente a Fundação Jacques Custeau, para conseguir um barco-ambulatório. O barco levaria assistência médica aos matis e povos vizinhos.

O barco faz parte de um antigo projeto de Landi. Em 1986 ele lançou um livro em



Landi: há dois anos tentando recursos ali e acolá. Agora, na França

co-autoria com o jornalista Edmilson Siqueira. Intitulado "Coisas de Índio", o livro foi publicado pela Editora Ícone e, nesta viagem, Omar fará contatos com editores europeus interessados na tradução e distribuição do livro.

A obra relata casos que vão do trágico ao cômico, e revela um quadro pouco animador para o povo indígena. "Quando o Brasil foi descoberto, havia 5 milhões de índios no território. Isto significa que morreram quase um milhão em cada século. Se a política indigenista seguir este curso, o Brasil chegará ao ano 2.010 sem índios", revela.

Trambiques

Isto vem acontecendo, segundo Landi, porque a Funai é utilizada apenas como trampolim político. "Para a escolha do presidente, o governo consulta os índios para não nomear conhecidos deles. Os índios não têm ligações políticas", afirma.

Como exemplo, Omar cita o ex-presidente da Funai, Jucá Romero, um economista desconhecido no país, sem nenhuma ligação com a causa indígena. Ocupou o

cargo por algum tempo e logo foi nomeado governador de Roraima pelo presidente Sarney. Recentemente teve sua candidatura a primeiro governador eleito no novo estado vetada pelo Tribunal Superior Eleitoral.

O ceticismo do sertanista em relação à política indigenista é justificado em números. Está para ser liberada uma verba de 137 milhões, destinada a um projeto de saúde para os yanomamis. Somas de mesmo valor já foram liberadas pela igreja, Banco Mundial, Funai e governo federal. "Se o dinheiro fosse operado com critério não haveria nenhum yanomami morto", conclui.

Ele acredita que os contatos que manterá na Europa deverão render aos índios todos os equipamentos pedidos, uma vez que não querem dinheiro e a importação está liberada. O projeto de um barco construído no Brasil, elaborado em 1988, não deu certo por falta de patrocinadores. Landi acha que só um barco deste tipo poderá salvar os remanescentes dos matis, localizados no rio Ituí, na bacia do rio Javari.

Barco-ambulatório nos rios. Projeto

O sertanista Omar Landi, 43 anos, é um dos 20 homens brancos conhecidos pelos índios matis, localizados na bacia do rio Javari, no Amazonas, divisa com a Colômbia e o Peru. Eles são pouco mais de 80 e estão em acelerado processo de extinção.

Landi conheceu os matis em 1982, 10 anos após o início de suas atividades indigenistas. Ele começou a carreira em 1972 na Opan (Operação Padre Anchieta), uma organização ligada à Igreja Católica. Naquele ano foi nomeado chefe do posto da Opan em Rondônia, junto à tribo dos Pacáa

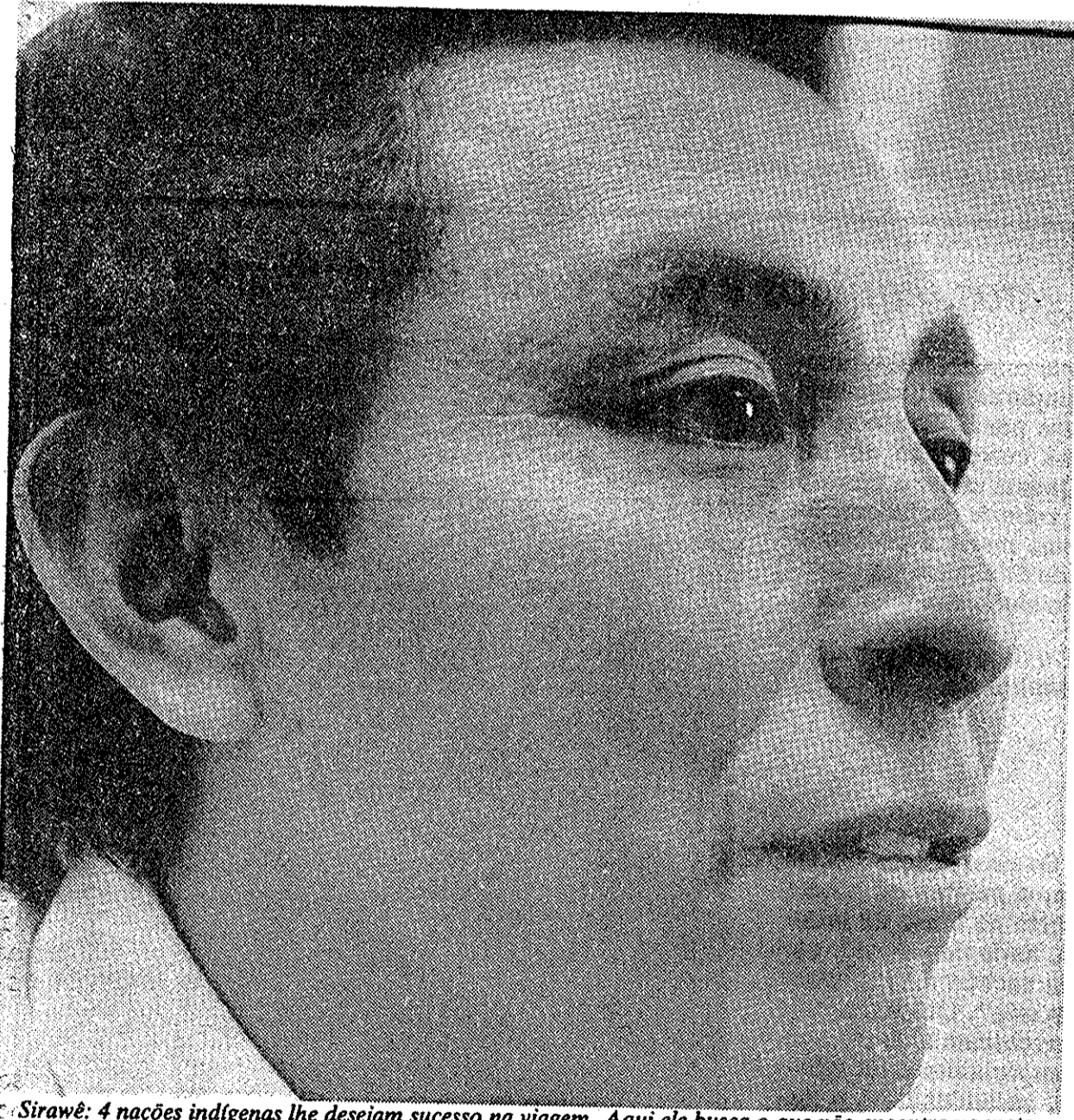
Novas. Em 1974 ele deixou a Opan e passou a correr pelas tribos indígenas sem vínculo com nenhuma entidade. Em 1982 ingressou na Funai e foi nomeado chefe da Ajudância de Atalaia do Norte, no lado Ocidental da Amazônia.

Em 1986 desligou-se da Funai e, em 1988, desenvolveu em Campinas um projeto denominado "Burá", destinado a salvar os últimos remanescentes dos matis e as tribos vizinhas. A bacia do rio Javari, segundo ele, é a última região intocada da Floresta Amazônica, onde, sem fazendas, as aldeias dos diversos povos deli-

mitam o território.

O projeto "Burá" — significa positivo na língua dos matis —, que consiste em um barco-ambulatório com tripulação de especialistas, foi parcialmente abortado no mesmo ano de sua concepção, por falta de apoio. Landi percorreu a Europa e os Estados Unidos sem conseguir recursos para sua implantação.

Ainda em 1988 ele resolveu remeter o projeto para a organização ambientalista S.O.S. Amazoniê, com sede na França. Esta organização está tentando conseguir os recursos para a concretização do projeto.



Sirawê: 4 nações indígenas lhe desejam sucesso na viagem. Aqui ele busca o que não encontra na mata

Queriam que ele estudasse com os brancos, mas ele não aceitou

O cacique Sirawê Kaiabi emocionou-se às lágrimas quando viu as fotos de uma reportagem publicada pela extinta revista Realidade em 1967. A reportagem narra o dia-a-dia dos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas, quando Sirawê tinha 20 anos e seu tio, Prepuri, era o cacique da aldeia.

Folheando a revista ele conseguiu distinguir em uma imagem desfocada da fotografia, o rosto de seu tio, seguindo o sertanista "Cláudio" — como ele pronuncia Cláudio — em meio à floresta. Ao lado do tio, seu primo Puñi, que morreu de catapora.

Prepuri foi o primeiro índio da tribo Kaiabi a ter contato com o homem

branco — Orlando Villas-Boas — há 40 anos. "Eu cresci com Cláudio", lembrou Sirawê. Cláudio queria que ele saísse da aldeia, era um índio esperto e poderia estudar nas escolas dos brancos. "Não quis ir. Queria ficar junto de minha mãe e meus irmãos", disse.

Foi uma medida acertada a do jovem índio. Na escola dos brancos, ele seria alvo de discriminação e poderia ter seu rumo desviado pela dita civilização. O sertanista Omar Landi lembra do exemplo do índio Marcos Terena, atualmente trabalhando como piloto da Funai. Ele ingressou em um colégio católico em Cuiabá, onde os cole-

gas de escola eram orientados para não discriminá-lo. Então, para não chamá-lo de "Marcos Índio", o chamavam de "Marcos Japonês".

"O índio que deixa a aldeia é discriminado das mais variadas formas. O cidadão o vê na rua e pergunta o que pode um índio estar fazendo na rua. Coitado, por que não o levam embora? perguntam outros. Existe um sentimento de medo ou de culpa do branco em relação ao índio. É um quadro discriminatório que pode ser considerado superior ao apartheid. Aqui, os guetos são reservas. Quando saem do gueto, levam e sofrem constrangimentos", critica o sertanista Landi.